

Pela segunda vez o PH Revista está sendo dedicado ao *Almoço do PH*

PAGS. 3 a 7



Foliões alegres fizeram do Almoço pré-carnavalesco anual do PH Revista, uma celebração à vida, à história do Carnaval, à elegância e ao bom-gosto

Com uma apaixonada declaração de amor Amaro festejou a nova *idade de Ana Lúcia*

PAG. 8



Fotos/Divulgação



BELEZA
irresistível e apaixonante. Foi assim o cenário produzido pela designer Cintia Klamt Motta para a 38ª edição do Almoço pré-carnavalesco do PH Revista no Palazzo Eventos. Beleza que não necessitou de muitas explicações para ser descrita. E encantou por ser exclusiva e original...
PAG 3

Passado o Carnaval, é hora de falar de amor. Deixemos de lado as questões graves e profundas que nos cercam e mergulhemos nesta ânsia infindável de felicidade que domina o homem sobre a Terra.

Em realidade, a vida não é mais que a busca da felicidade. E, trágica ou sublimemente, o homem só se faz feliz pelo amor. A única forma de ser feliz é amar. A tristeza não é outra coisa que a ausência do amor. A depressão é quase sempre detonada pela absoluta impossibilidade de acesso ao amor. O amor é o único veículo que encaminha para a realização.

Pode ser o amor sexual, entendido assim como o de uma mulher para um homem ou o inverso ou o recíproco. Pode ser o amor a uma causa, o amor ao próximo, o amor até a um objeto, a um conjunto de coisas materiais ou afetivas, o amor ao próximo, que incendeia as almas e os espíritos dos religiosos e dos samaritanos, aqueles que atingem a suprema felicidade da existência ao doarem-se generosamente aos seus semelhantes.

O tipo de amor sobre o qual eu gostaria de falar hoje é aquele sentimento romântico de um homem por uma mulher ou o contrário. Aquele amor que em última análise

TEMPO DE AMAR
como era bom saber que se amava sem deixar que ninguém soubesse

importa mais do que tudo porque é dele que emana a sobrevivência da espécie humana. Aquele amor que leva à animalidade, mas no caminho é adornado belamente por uma pureza de sentimento, por um querer bem, por uma eleição magnífica, por uma escolha fulgurante, por um encontro, um achado casual ou procurado, mas sempre secretamente esperado dentro da aptidão que os seres vivos devem sempre manter para amar, se quiserem ser felizes.

O que eu queria dizer é que não há nada mais delicioso no amor que mantê-lo sob segredo, sem que o alvo dele conheça o seu crepitar. Em suma, não há nada mais entusiasmático no amor do que o desejo.

Goethe, um dos maiores pensadores da

raça humana, tocou nisso magistralmente: “Vou ébrio do desejo ao prazer. E no prazer, ah que saudade do desejo!”.

O namoro, o flerte, a amizade dissimulada e o amor cercando essas escaramuças, mantido em segredo. O instante mais ardentemente saboroso do amor é quando se está perto da pessoa amada, quando se a vê ou com ela a gente se encontra todos os dias, ela está bem próxima de nós, conversa conosco, convive conosco, mas desconhece que a amamos. Talvez o tempero mais picante dessa relação de cuidados e estudos mútuos seja que ela desconfie de que nós a amamos. Que um e outro suspeitem que se amam. Este é o momento eterno e infinito do amor.

Eu sempre achei que o amor começa a

terminar quando ele é declarado. A sentença de morte do amor é “eu te amo”. Esta revelação é sinistra, ela carrega em seu conteúdo a destruição do amor.

Se se pudesse – e não se pode – levar o amor em segredo ou em suspeita por todo o tempo, jamais se perderia o amor, jamais o fastio ou as outras nuances que tornam o amor finito se deflagrariam. Tanto que o que leva o desejo a tornar-se exercício do amor é o medo da perda. Quando na verdade a perda é originada somente pelo amor concreto e exercitado.

Em toda a minha vida, os únicos grandes registros de saudade, dignos de serem recordados como momentos da mais plena felicidade, foram aqueles em que eu sabia que amava e o objeto do meu amor desconhecia essa circunstância. Ou, então, quando eu desconfiava profundamente de que estava sendo amado, sem que, no entanto, jamais eu pudesse me debruçar nessa certeza.

Como era estupendo saber que se amava, sem deixar que ninguém soubesse, nem a amada, do que se sentia. Fingindo. E é incomparavelmente grande o deleite de imaginar-se que aquela a quem se ama finge apenas que não nos ama.

Só, enquanto isso, é grande e infindável o amor. Quando ele se decifra, morre.



O presidente da FIEMA, Edilson Baldez e esposa Maria Dolores, a superintendente do Sesi Regina Sodré e o 1º sec. da FIEMA, Pedro Robson Costa

SUCESSO DO SESI FOLIA

A programação contou com a palestra “Dinheiro ou Reconhecimento? O que trava a sua vida?”, conduzida pela terapeuta empresarial Marie Suzuki, em encontro que reuniu lideranças femininas de diversas regiões do estado.

Com a missão de fortalecer o empreendedorismo feminino, promover a cultura maranhense e ampliar o protagonismo das mulheres, o CMEC-MA é hoje um espaço de união, aprendizado e networking, que aproxima empresárias, empreendedoras e lideranças culturais de todo o Maranhão.

O encontro foi marcado pela presença de diretoras, embaixadoras e representantes de importantes instituições parceiras como Sebrae, FCDL, Fecomércio, Fiema, ACM e FAEM, além de órgãos e instituições públicas e privadas e uma expressiva caravana com 45 mulheres vindas do interior do estado especialmente para a celebração.

Para a diretora Lou Marques, “sob a presidência de Edna Montenegro, o nosso Conselho tem fortalecido o empreendedorismo feminino, gerado conexões valiosas e aberto caminhos para que mais mulheres alcancem destaque em seus negócios e na sociedade. É uma história construída por muitas mãos e corações comprometidos com o desenvolvimento do Maranhão.”

Mais do que um aniversário, a data marcou a reafirmação do papel transformador do CMEC-MA, que segue inspirando e impulsionando mulheres a serem protagonistas de suas histórias, contribuindo para o crescimento humano, econômico e cultural do estado.



Edilson Baldez, presidente da FIEMA, Regina Sodré, superintendente do Sesi, e Adalberto Melo, diretor de Jornalismo da TV Difusora



Mauro Borralho, diretor técnico do SEBRAE-MA, Reginaldo Cazumba e o jornalista Alisson Soares, do SEHAMA



Cassiano Pereira Junior, assessor especial da EMAP, e Osvaldo Pavão, diretor da FIEMA



Pedro Robson Costa e Cassiano Pereira Junior com um grupo do Sesi

Fotos/Divulgação



Edilson Baldez e Regina Sodré com executivos do SESI



Pedro Robson Holanda da Costa, Albertino Leal de Barros (superintendente do Sebrae-MA) com dois animados foliões e o presidente da FIEMA, Edilson Baldez



Celso Gonçalo (presidente executivo do Sebrae-MA), a médica Socorro Bispo e Edilson Baldez (presidente da FIEMA), com familiares



Edilson Baldez (presidente da FIEMA), Regina Sodré (superintendente do Sesi-MA), jornalista Eida Borges e Raimundo Borges, diretor de Redação de O Imparcial



Regina Sodré, sup. do Sesi, Edilson Baldez, pres. da FIEMA, Edila Neves, dir. Adm. e Financeira do SEBRAE-MA e familiares

Uma relação perigosa

Não cheguei a conhecer, pessoalmente, o filósofo Jean-Paul Sartre mas tomei uma taça de vinho na mesa ao lado da que Simone de Beauvoir estava com uma amiga, no Café de Flore, na primavera parisiense de 1983

A imensa produção de Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre nunca coube apenas no âmbito intelectual. Vazou e contaminou todo o movimento da

contracultura como a de poucos pensadores foi capaz. Em vida, os dois assistiram a seu ideário moldar a cara da modernidade do Ocidente, que os sacramentou como exemplos da liberdade sexual e da emancipação feminina. A mais recente biografia do casal francês, que acabo de ler, retine uma farta documentação para mostrar que, na vida real, não foi bem assim. Em “Uma Relação

Perigosa”, a pesquisadora Carole Seymour-Jones revela que Simone manipulou a imagem que gostaria que o mundo tivesse (e talvez ela mesma) da relação dos dois com a política, com o sexo e entre si. Simone mentia e Sartre consentia. Segundo a autora, ela enganava não só as amantes que alcovitava para o marido como os próprios e muitos biógrafos que a entrevistaram.

Uma relação perigosa...2

“A conexão entre Beauvoir e Sartre, tema deste livro, tinha um potencial para o bem: era uma bigorna de onde voavam fagulhas intelectuais. No Café de Flore, ou no Deux Magots, eles flertavam, fumavam, bebiham e produziam livros juntos.

Mas tinha também um

perigoso potencial para o mal, na medida em que os “gêmeos” encorajavam e justificavam um ao outro dentro de seu mundo privado, cujas fundações eram não só a iconoclastia intelectual como também uma feroz necessidade mútua, enraizada parcialmente em suas infâncias feridas.

O fascínio do relacionamento de Beauvoir com Sartre é que ele sobreviveu sem sexo, redefinindo o amor como um compromisso para a vida toda, baseado antes em laços firmes do que no desejo físico, que poderia ser encontrado – e descartado – em qualquer lugar.

Uma relação perigosa...3

Acima de tudo, Sartre ansiava pela intimidade que conhecera quando criança com a mãe: o sujeitinho estrábico que cresceu incapacitado pela percepção vacilante de si mesmo, com a confiança solapada pela autoconsciência da

deformação, “sentiria uma necessidade obsessiva por mulheres”.

Esta biografia dupla narra a história de dois dos maiores ícones intelectuais do século XX. Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre construíram uma

relação intensa e dolorosa que durou mais de cinquenta anos. O livro é o retrato de suas vidas, desde a infância até a morte, e uma incisiva reconstrução da ligação entre eles – na verdade, uma recusa em casar-se.

Uma relação perigosa...4

Dos corredores da Sorbonne aos cafés da Rive Gauche, descobrimos como a talentosa Simone se apaixonou pelo arrogante Jean-Paul. Seymour-Jones descreve o primeiro verão deles juntos, em 1929, os debates acalorados que se prolongavam noite adentro, a competição

sexual, as traições, as ideias perigosas que levaram as pessoas a experimentar novos comportamentos e o amor profundo que este casal incomum tinha um pelo outro.

Uma relação perigosa é recheada de detalhes insólitos, intrigas nefastas, encontros,

traições e comportamento libertino.

Valendo-se de uma investigação escrupulosa e tremenda compreensão histórica, a autora captura o leitor com tramas dignas de um intrincado romance: sedução de virgens, prostitutas, adolescentes e admiradores.

Uma relação perigosa...5

Graças a cartas há pouco tempo descobertas de Beauvoir, tomamos conhecimento do lado mais obscuro dessa filosofia do amor livre, incluindo o fato de que Simone seduzia jovens e as

dividia com Sartre.

Seymour-Jones se aprofunda ainda em mais um episódio pouco comentado da vida desses grandes filósofos e escreve sobre como Sartre caiu em uma armadilha

soviética, comprometendo-se clandestinamente com os nazistas.

Um relato fascinante sobre o que está por trás da lenda criada por esta dupla brilhante.

Grandes damas do cinema

Está se aproximando a data da realização da 98ª edição da festa do Oscar, que este ano será em 15 de março, novamente no Dolby Theatre, em Los Angeles, nos Estados Unidos.

A cerimônia será o ponto final de um processo que começou em novembro do ano passado, quando termina o prazo para a definição das categorias gerais que estarão na disputa.

A maior festa do cinema mundial continua sendo o centro das atenções do mundo do entretenimento, mesmo com edições cafonas, politicamente corretas, artistas premiados que insistem em ficar agradecendo horas sem parar e aquele monte de prêmios técnicos que a gente nunca entende direito.

O que todos querem mesmo saber é quem vai ganhar Melhor Ator, Diretor, Atriz, Trilha, essas coisas que importam. E, claro, ver o que o povo vai vestir na cerimônia.

Adoro quando rola aquela pergunta do repórter no red carpet: 'Who are you wearing?' Como se não importasse a qualidade da roupa e sim quem assina. E para falar a verdade, é meio assim mesmo. E não adianta esperar.

E por estarmos nos aproximando da festa de entrega da estatueta mais desejada por artistas do mundo inteiro, vale lembrar que, do Brasil, só teve duas indicadas até hoje, a extraordinária Fernanda Montenegro, por seu trabalho em ‘Central do Brasil’, e sua filha Fernanda Torres, por sua brilhante atuação em ‘Ainda estou aqui’, premiado como melhor filme internacional.

Entre confetes e serpentinas

Mais um Carnaval que passou e agora o ano efetivamente começa.

Após um breve período em que muita gente aproveita para mergulhar de cabeça em fantasias e esquecer dos problemas diários, é hora de voltar ao mundo real.

Sem confetes ou serpentinas, o som das marchinhas e do oba-oba deve ficar para trás.

Mais do que nunca é preciso que a consciência política e a exigência no cumprimento dos trabalhos em prol da população estejam presentes entre os cidadãos.

Carnaval maior de todos os tempos

Rio, São Paulo, Salvador, Recife e Olinda e São Luís fizeram os maiores carnavais do Brasil, embora a folia de Momo estenda os seus tentáculos por todos os cantos do País, como em Parintins, lá no Amazonas, onde o boi bumbá impera o ano inteiro, e nestes tempos com o CarnaBoi.

Segundo o ministro do Turismo, Gustavo Feliciano, o Brasil realizou este ano um dos maiores carnavais de todos os tempos, em número de foliões nas ruas e também na atração de turistas estrangeiros.

Estratégia bem sucedida

Em diversos pontos do mundo, policiais estão criando estratégias para conseguir chegar a criminosos procurados ou prender bandidos em flagrante. Para não chamar atenção e passarem despercebidos, um modo é usar fantasias.

Dessa maneira, a Polícia Civil de São Paulo conseguiu colocar atrás das grades mais de vinte ladrões que atuavam em blocos de carnaval

A adoção de policiais disfarçados com fantasias facilitou a infiltração nos blocos, permitindo atuação preventiva e repressiva.

Uma vez disfarçados entre os foliões, as equipes da Polícia Civil paulista observam o comportamento das pessoas. Chamam atenção as pessoas que circulam sem participação efetiva nos blocos e que se aproximam diversas vezes das potenciais vítimas.

Fotos/Divulgação/Heloá Alves/Herbert Alves/Miguel Viegas



Fez sucesso, vestido de gondoleiro, o jovem Márcio Cabral Filho



A designer Cintia Klam Motta com Adriana Bombom



O bonito bar temático com produtos da Baly



A estação de doces e sorvetes



Vista panorâmica das mesas



As mesas vistas de outro ângulo incluindo a pista de dança

UMA TARDE/NOITE DE ESPLendor NO PALAZZO

Sempre que realizo uma festa monumental, como foi o Almoço de 2026 do PH Revista, lembro de O Baile. No fantástico filme de Ettore Scola, quase meio século da ainda recente história europeia é reproduzida no mais improvável dos cenários, um salão de danças em Paris, frequentado por solteirões e solteironas que dançam, fletam, brigam, reconciliam-se, mas sempre saem sozinhos. Os anos vão passando: os anos da ascensão dos partidos de esquerda, os anos da ocupação nazista, a Libertação, maio de 1968... Detalhe: nenhum dos magníficos atores e atrizes diz sequer uma palavra.

O filme, vale lembrar, é completamente mudo, governado inteiramente pela música e pelos gestos dos personagens. Quando terminamos de vê-lo, ficamos maravilhados e concluímos: o baile é a vida. E isto explica o papel que os bailes e as reuniões dançantes desempenharam em nossa própria existência.

E por que o baile é a vida? Porque ela é uma ritualizada e aceita forma de aproximação entre as pessoas. O baile é a música e a dança, duas coisas que permitem a liberação de nossas emoções. O baile mobiliza o que temos de mais vital em nós e nos ensina uma lição: dançar é muito bom, dançar é uma coisa vital.

Ettore Scola tinha razão: a história da humanidade poderia ser retratada num gigantesco baile, de preferência à fantasia, inaugurado por Adão e Eva. E foi com um baile à fantasia, como nos bons velhos tempos, que levamos para o grande salão do Palazzo Eventos, no Araçagi, com muito esplendor e beleza, um pouco do que ainda resta de elegância, charme e glamour do Carnaval maranhense, que em épocas não tão remotas, já foi considerado o terceiro melhor do Brasil.

O Baile à fantasia, tal como o Baile dos Sonhos que acontece todos os anos no icônico Carnaval de Veneza, na Itália, que realizamos no Palazzo com uma decoração fantástica assinada pela designer Cintia Klamt Motta, foi o ponto alto do Carnaval de São Luís, reunindo foliões de todas as idades, das 13h às 20h, num ambiente decorado com engenho, arte e criatividade, tomando por base o misterioso Carnaval veneziano, com suas máscaras, sutilezas e encantamento, mas com o toque alucinante do ritmo de folia do Carnaval brasileiro.

Como foi um evento grandioso, destacamos, nesta nova edição do PH Revista, mais personagens que contribuíram, com sua elegância e animação, para o sucesso da festa. E iniciamos mostrando alguns detalhes da deslumbrante decoração que fez a maioria dos convidados se sentirem, por algumas horas, no verdadeiro Carnaval de Veneza.



Vista do fundo do salão com painéis de led



Vista panorâmica de outra ala do salão



Detalhes da pista de dança



Um lindo painel com imagem dos canais de Veneza

Fotos/Divulgação/Heloá Alves/Herbert Alves/Miguel Viegas



Belas foliãs convidadas da Maxx posando com Adriana Bombom



O deslumbrante arranjo usado por Donizette Machado: uma criação de Enoque Silva, que brilhou mais uma vez como destaque no desfile da Grande Rio, no carnaval carioca



Marilena Carvalho era uma das senhoras mais elegantes da festa



Tália Campos ao lado de um personagem veneziano



Emília Fiquene e Maria Espíndola



Teresa Martins em grande estilo



Maria Luiza Miranda



Jovem e bela foliã



Déia Trinta Paes



valquíria Moraes



Orquídea Santos e Virgínia Duailibe



Milda Hermes



Dulce Brito e Marcela Simplicio

Fotos/Divulgação/Heloá Alves/Herbert Alves/Miguel Viegas



Beth e José Jorge Leite Soares com o fofão Carlos Eduardo Carvalho Gomes (o Cacá)



Fernando Sarney, Edilson Baldez e o Repórter PH



Socorro Bispo, Rosimary Martins Pereira, Themis Savaia, Rosimar Salgueiro e Sílvia Duailibe



Milena Adler e João Marcelo Sá



Igor Lima e Cintia com seu irmão Alan Mota Neto, Vinicius Bogéa e Rafaela



A modelo e arquiteta Bianca Klamt com Oton Lima



Cipriano Castro e Yara Moreira Lima com Manoel Ribeiro e sua irmã Virginia e a esposa Aline Teixeira]



Hugo Leonardo Pereira e Elizabeth Rodrigues com Carlos Eduardo Cardoso e Ana Valéria



Lucas Castro e Nayara Fonseca com Nubia e Pedro Martins



Eduardo Nicolau, Lycia Waquim, Zenira Fiquene e Teresa Martins



Desembargador Eulálio Figueiredo e Georgina Mousinho com o Repórter PH



Abelardo Lins e Kiliane



O Repórter PH com José Bonifácio Barbosa e Kaline



Naiara e Lucas de Castro Novais



Solange Negreiros e Paulo Bacelar



Majella e José Rodrigues com Rosimar Salgueiro



O Repórter PH com Priscilla e Daniel Blume

Fotos/Divulgação/Heloá Alves/Herbert Alves/Miguel Viegas



O Repórter PH e Fernando Sarney com Lou Marques, Edna Montenegro e Jenilce Pavão



O presidente eleito do TJMA, Ricardo Duailibe e Virgínia com Edmé e o atual presidente, Froz Sobrinho



Benjamin Franklin Alves e e estilista Vanuza Araújo



Caio Soares e Vitória com os pais dela Gerson de Oliveira Costa Filho e Marléa



Jacieny Dias e Gilson Martins



Amélia Ferreira



Valquíria Moraes e Ronière Lopes



Isabella Facury Ubaldo



Oquerlina Costa (presidenta da EMAP) e Marcella Holanda Vilhena



Amadeu Araújo Costa e Fernanda chegando para a festa



Kátia Campos e Zil Oliveira



Edmé Froz. e Virgínia Duailibe



A bela Raiane Lima Moura



José Roberto Araújo e Andrea



Jaqueline e Humberto Oliveira



Sidney Rocha e Isadora



Evandro Júnior e Romeu Soares



Hugo Leonardo Pinto e Gabriele Fernandes

Fotos/Divulgação/Heloá Alves/Herbert Alves/Miguel Viegas



O Repórter PH com Orquidea Santos



Etevaldo Trajano Junior e Eliane



Com muito charme, Erna Ramalho e seus pais José Ramalho e Maria Rosa



Alexandre Falcão e Jussara



Luiz Eduardo Sereno Fernandes e Ana Clara Rocha



Tiago Lisboa e Lara com os pais dela, Glorinha e Mário (Dedê) Holanda de Alencar



Fernando Sarney e o desembargador Froz Sobrinho



O Repórter PH com Marcos Campelo Reis e sua mãe Ivonete



A cantora Daysa e Rhelmsom Rocha



Graça Jansen de Mello



Marcos Davi e Madalena Nobre com o Repórter PH



Edilson Baldez com o Repórter PH e Ivaldo Rodrigues



Benedito Ubaldo Silva e José Luis Maciel



Juninho Luang e Marco Fecury



O cantor Jailson com sua professora de música Giovana Reis Ferreira



Amanda e Geraldo Henrique Mendes



Leonardo Barros com seu padrinho PH



O Repórter PH com Hugo Roberto de Medeiros Pinto e Leticia



José Wilian Ribeiro e Concita



Ana Cruz, Teresa Sarney, Socorro Bispo e Rosimar Salgueiro



Evandro Costa, Emilia Fiquene e Adelaide Campelo



Fernando Braga Muniz e Rosiara



Ana Valéria Brandão Cardoso, Claudete Brandão e Rachel Brandão



Sandra do Egito e Ana Jacy Holanda



Ana Lúcia e Amaro Santana Leite com os filhos dele, Alan e esposa Tais, Ealex (de pé) e esposa Natália

UMA HOMENAGEM COM DECLARAÇÃO DE AMOR

“Mais um ano! O acordar de um sonho. Como anos em um só momento. Ao te abraçar hoje é como reencontrar a vida e entender o que é ser feliz. Ao te beijar hoje, senti o verdadeiro amor que se renova a cada dia. Esse eterno caminhar juntos, nessa estrada que jamais terá fim, parece eternizar a felicidade estre nós. A cada passo fortalece o amor, em cada tropeço a vida engrandece, se escurece, Deus nos iluminará! Se amanhece é a certeza do milagre do nosso eterno amor.”

Com este poema ao amor, o empresário Amaro Santana Leite saudou Ana Lúcia Albuquerque no almoço comemorativo de sua nova idade, reunindo familiares e os amigos mais próximos, no restaurante Casa Almendra, no Calhau.

Uma tarde de quitutes deliciosos, boas conversas e uma atmosfera de muito amor e amizade pairando no ar.



A aniversariante com Melina e Luiz Carlos Cantanhede Fernandes



Ana Lúcia com Guto Guterres e Luis Campos Paes



Alan Leite e Tais com a aniversariante



Ana Lúcia com Thais Moraes Correia e Carolina Albuquerque Silva



Ana Lúcia com os irmãos Antonio e Fernando Albuquerque



Lidia Pflueger, Ana Lúcia Albuquerque, Thais Moraes Correia e a filha Marina



Natália e Alex Leite e o Repórter PH com a aniversariante



Ana Lúcia com Teresa Martins, Déia Trinta Paes e Lucy Guterres

CINEMA



Quando se sonha grande, a realidade aprende

“O filho de mil homens” (2011), livro de Valter Hugo Mãe, virou filme. Este escritor fantástico nascido em Saurimo, Angola, em 1971, é formado em direito e literatura portuguesa moderna e contemporânea. Vive em Portugal desde a infância. Autor, entre outros livros, de “O remorso de Baltazar Serapião” (2006), pelo qual recebeu o Prêmio Literário José Saramago, e de “A máquina de fazer espanhóis” (2010), que lhe deu o Prêmio Portugal Telecom de Melhor Romance,

Valter Hugo é também poeta premiado. Sua escrita sensível nos captura com narrativas envolventes e emocionantes, temas humanitários, histórias fortes sobre a vida de pessoas excepcionais, capazes de superar a mediocridade pelas vias afetivas. São temas importantes, polêmicos e atuais.

O forte elenco do filme “O filho de mil homens” traz Rodrigo Santoro como protagonista, contando com Miguel Martines, Rebeca Jamir, Johnny Massaro, Grace Passô (vencedora do Prêmio Shell de Teatro), Juliana Caldas e Marcello Escorel. A narração é de Zezé Motta.

Com atuação impecável, Rodrigo Santoro, aqui, não é o galã de Hollywood que conhecíamos. Vive o homem simples, despojado dos costumes sociais cruéis de sua aldeia, comunidade que rejeita, expurga e elimina todo aquele que é diferente.

Este livro filmado narra a vida de um pescador silencioso e solitário, que cresceu isolado da sociedade. Sua casa já diz muito dele, cabana à beira do mar que guarda distância da pequena vila em que está localizada. Aos 40 anos,

Crisóstomo sonha em ter um filho. Dando-se conta da solidão, entristece e desperta para o desejo de fazer laços.

O personagem se mantém apartado de ideais e preconceitos praticados ali. Fugiu dos moldes e regras, dos ideais que ensinam e também transmitem preconceitos que nos fazem cruéis e impiedosos. Crisóstomo pensou e se convenceu de que “quando se sonha grande, a realidade aprende”.

Incrível a força do desejo que o move em busca de relações verdadeiras. Em sua simplicidade afetiva, inventa uma família atípica e reúne personagens tão excêntricos quanto humanos. O filme retira do livro histórias que se entrelaçam, não lineares, em uma trama múltipla e delicada. Com simplicidade e ternura, Crisóstomo desconstrói nossa visão de masculinidade, ao reunir personagens que sofreram e foram rejeitados pela pequena vila litorânea fictícia.

É uma ode àqueles que resistem e se verdadeiramente, sem se deixar prender a convenções sociais e conectam crenças locais. A honestidade aqui é a tônica. Os sentimentos são expressos de forma a pedir ao mundo a vida como ela é, com seus “monstros” acolhidos de modo profundo e calmo. Em meio à violência, personagens encontram nesse laço atípico o valor da vida.

Belíssima obra, escrita e filmada, em torno das relações e do poder transformador do amor. “Afinal, ser o que se pode é a felicidade”. Vale a pena conferir. Dirigido por Daniel Rezende e disponível na Netflix, o filme consegue, de forma magistral, dar corpo à bela narrativa de Valter Hugo Mãe.

Contradições do adeus

Existem vários modos de dizer adeus, além do mais simples deles que é apenas dizer, com as cinco letras: adeus. Este, porém, poucos têm coragem de encarar. Primeiro, deve haver um motivo muito grave para tal. Uma viagem que se pretende para sempre (ainda que isto não exista de fato), um romance interrompido, ou uma ida até a esquina, porque adeus também quer dizer até logo. Ou, como uma garota muito especial me disse um dia, depois que eu lhe disse adeus (contrariando o fato de que são sempre elas que dizem): “porque sei que os fins não são mais que recomeços”.

As estatísticas do amor, as mesmas ditas por Drummond no Necrológio dos desiludidos do amor – “enquanto as amadas dançaram um samba / bravo, violento, sobre a tumba deles” – mostram que os homens nunca dizem adeus. A despedida, o bota-fora, é sempre prerrogativa feminina. Homens não querem perder, mesmo que ficar seja perder. Talvez seja uma lógica ancestral, atávica, animal. Animais dizem adeus?

A garota, sem querer, criou ao mesmo tempo um paradoxo (o de que as despedidas sempre são recomeços, e, se recomeçam é porque não têm fim) e um novo paradigma (o de que os homens também sabem dizer adeus). Mas não dizem, e quando dizem, logo desdizem. Para que dizer adeus quando não se quer partir?

E quando é preciso dar fim a uma coisa que nunca teve um começo? E quando dizer adeus não significa nada, porque nada existia para que alguém tivesse que dizer adeus? Talvez seja um problema filosófico dos mais importantes hoje, quase como separar-se sem nunca ter estado junto.

Dizer e não dizer não significa nada. Ficar ou dizer adeus, nesse caso, também. Tudo flui, nenhum dia é igual ao outro, mas por que parece ser?

Não sei dizer adeus, mesmo que todos os dias pareçam ser o último. Só não sei dizer último em relação ao quê. Tanto pode ser em relação ao último grão de arroz do melhor risoto, quanto pode ser a última mensagem de socorro enviada pelo comandante de um navio que afunda muito devagar.

O melhor do adeus é descobrir que nada vai, exatamente do mesmo modo que nada fica.

Relações políticas e negócio

Mais do que acrescentar um novo capítulo ao longo enredo de crimes financeiros do Banco Master, a liquidação do Banco Pleno é um retrato fiel de como negócios frágeis podem ser artificialmente sustentados por redes de influência política - até o momento em que a realidade contábil se impõe ou que os órgãos de investigação conseguem furar a barreira de proteção institucional.

Controlador do banco, o economista Guga Lima criou conexões que vão da esquerda à direita, unindo grupos adversários para fortalecer interesses mútuos. Os primeiros movimentos dele aparecem na Bahia, a partir da privatização da Empresa Baiana de Alimentos S.A. (Ebal) no governo de Rui Costa, hoje ministro da Casa Civil.

O negócio prosperou principalmente pelo uso que o empresário fez do cartão consignado Credcesta, voltado a servidores públicos estaduais. A partir disso, ele fortaleceu laços com o PT baiano, gestores e entidades sindicais ligadas ao funcionalismo, mas também fez questão de se aproximar dos principais adversários do grupo, o ex- prefeito de Salvador ACM Neto e o presidente do PL no Estado, João Roma.